

35 ensaios de Silviano Santiago

Seleção e introdução

Italo Moriconi

Copyright © 2019 by Silvano Santiago
Copyright da seleção e introdução © 2019 by Italo Moriconi

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen T. S. Costa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santiago, Silvano
35 ensaios de Silvano Santiago / Silvano Santiago ; seleção e
introdução Italo Moriconi — 1ª ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3244-7

1. Ensaio brasileiro 2. Literatura brasileira 1. Moriconi,
Italo. II. Título.

19-26672

CDD-869.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaio : Literatura brasileira 869.4

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

7 *Introdução: Crítica, escrita, vida* — Italo Moriconi

GEOPOLÍTICAS DA CULTURA

23 O entrelugar do discurso latino-americano

38 Apesar de dependente, universal

49 “Atração do mundo”: Políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira

78 O cosmopolitismo do pobre

95 A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos

131 Para uma poética da encenação

146 *Cosmological embroidery* (Bordado cosmológico)

LITERATURA BRASILEIRA & OUTRAS: CRÍTICA E HISTÓRIA

155 Destinos de uma carta

168 Alegoria e palavra em *Iracema*

182 Camões e Drummond: A máquina do mundo

195 Retórica da verossimilhança: *Dom Casmurro*

212 Eça, autor de *Madame Bovary*

- 228 Uma ferroada no peito do pé: Dupla leitura de *Triste fim de Policarpo Quaresma*
- 244 A ameaça do lobisomem: Homenagem a Borges
- 261 Bestiário
- 289 A bolha e a folha: Estrutura e inventário
- 302 Elizabeth Bishop: O poema descritivo
- 312 *Orlando, uma biografia*: Entre a flexibilidade e o rigor
- 329 Rastejando por baixo das mimosas como uma pantera e saltando no ar
- 339 Grafias de vida: A morte

CRÍTICA DO PRESENTE

- 359 Os abutres
- 375 O assassinato de Mallarmé
- 386 Repressão e censura no campo das artes na década de 70
- 395 A cor da pele
- 400 Singular e anônimo
- 409 O narrador pós-moderno
- 423 A democratização no Brasil (1979-81): Cultura versus arte
- 439 É proibido proibir
- 444 Hélio Oiticica em Manhattan

O LIVRO SOBRE MODERNISMO

- 455 A permanência do discurso da tradição no modernismo
- 486 Sobre plataformas e testamentos
- 503 Oswald de Andrade, ou Elogio da tolerância racial
- 513 Ora (direis) puxar conversa!
- 527 Suas cartas, nossas cartas
- 559 Aleijadinho, Bretas e os poetas modernistas (1927-30)

- 577 *Notas*
- 610 *Créditos das imagens*
- 611 *Índice dos textos e publicações originais*
- 615 *Índice onomástico*
- 637 *Sobre o autor e o organizador*

Introdução

Crítica, escrita, vida

Italo Moriconi

Este volume reúne parte significativa da ensaística de Silviano Santiago, apresentando uma seleção de sua obra canônica no gênero. Seria impossível neste espaço incluir todos os formatos assumidos pela produção crítica de Silviano. Esta se espalha por uma miríade de artigos jornalísticos e entrevistas, publicados ao longo de mais de seis décadas de uma carreira intelectual diversificada e múltipla, e estende-se ainda aos livros que são um só ensaio. Todos ocupam lugar próprio como referência no panorama de nossa moderna crítica.

Do corpus principal da obra ensaística foram escolhidos os textos aqui reunidos. Vários deles estavam em livros já fora de circulação, embora procurados e lidos por sucessivas gerações, não só de estudantes e professores de literatura mas também de estudiosos ligados a outras áreas. A presente antologia inclui ainda ensaios recentes que se achavam esparsos em revistas e catálogos. A matéria foi dividida em quatro seções temáticas: “Geopolíticas da cultura”, “Literatura brasileira & outras: crítica e história”; “Crítica do presente”; “O livro sobre modernismo”.

Tendo exercido o papel de um autêntico “fundador de escola” na área de letras, Silviano Santiago vê agora o interesse por sua obra crescer nos campos da história, das ciências sociais, da educação, assim como em relações internacionais e formação de diplomatas. Tomada no seu conjunto, essa obra integra-se

à tradição e aos cânones da “brasileira” — a biblioteca dos grandes textos de interpretação do Brasil, bibliografia básica de leituras formativas sobre assuntos brasileiros. A obra ensaística de Silviano dialoga com uma família de que fazem parte nomes como Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Caio Prado Jr., Celso Furtado, Raymundo Faoro, entre tantos outros.

A partir dos anos 60-70, na geração de Silviano, a forma do grande ensaio totalizador sobre assunto brasileiro é substituída pelos estudos segmentados em torno de questões mais específicas, indicadores de uma cultura acadêmica crescentemente “científica”, separada por disciplinas e institucionalizada. Nesse contexto, abre-se espaço para a crítica literária, que se junta aos estudos de sociologia, antropologia, ciência política. Em que pese a fragmentação dos objetos e disciplinas, permanece subjacente o problema da formação nacional. O gesto globalizador de um Gilberto Freyre, um Sérgio Buarque de Holanda, mesmo do Antonio Candido de *Formação da literatura brasileira*, é substituído pelo que num primeiro momento se nomeou interdisciplinaridade, hoje melhor expresso por multidisciplinaridade.

Se no paradigma anterior da biblioteca brasileira o elemento literário vinha do talento estilístico que o intérprete imprimia a suas generalizações (claro que já rigorosamente informadas por pesquisa empírica ou documental), no novo modelo a literatura comparece a partir de suas próprias questões, que adquirem alcance amplo ao vincular-se às discussões culturais, sociológicas, históricas e ideológicas. Conquistando assim direito de cidadania nos debates intelectuais, a crítica literária tende a se tornar cada vez mais crítica da cultura.

Sempre na vanguarda, a intervenção de Silviano singulariza-se por abordar a literatura e a cultura brasileiras em perspectiva comparatista, num permanente confronto com a situação e a produção hispano-americanas, configurando um campo latino-americanista, posto diante da preeminência cultural europeia.

Iniciando a carreira como professor brasileiro de literatura francesa na universidade americana, Silviano não poderia ter outro ponto de vista senão o de metacrítico, um crítico da crítica. E isso se dá, por um lado, pelo fato de ser impossível aprofundar a compreensão da história literária brasileira sem levar em conta sua situação na história da literatura ocidental. O próprio Antonio Candido assim concebera o lugar de nossa literatura, como ramo derivado ou subsidiário da literatura universal, abrindo na teoria da literatura a possibilidade do tema da

dependência cultural. A simples mediação do universal obriga à metacrítica, já que os critérios de avaliação são necessariamente refratados pelos valores estabelecidos do cânone ocidental clássico, eurocentrado. Nos vemos pelos olhos deles.

Por outro lado, a interpretação de Brasil trabalhada por Silviano em sua crítica literária de viés comparatista pressupõe a releitura dos clássicos da biblioteca brasileira, junto com a reapropriação do modernismo de Oswald de Andrade na linha do concretismo, do tropicalismo e da poesia marginal. Um dos ensaios em livro de Silviano, *As raízes e o labirinto da América Latina* (2006), é a leitura comparada das interpretações que da história de seus países fazem Sérgio Buarque de Holanda e Octavio Paz. Ou seja, nesse livro o intérprete se faz intérprete de interpretações, o que implica forçar deslocamentos teóricos e metodológicos.

Na metacrítica de Silviano, o deslocamento é um gesto crítico preventivo, é uma preliminar da empreitada metodológica. É o exercício da vontade de operar a substituição brusca de um ponto de vista ou paradigma. É a dimensão contra-hegemônica que todo ato crítico deve ter, uma ideia mestra em seu ensaísmo.

Tais deslocamentos nem sempre foram bem-aceitos ou compreendidos por certo *mainstream* acadêmico, na medida em que dialogavam teoricamente com a desconstrução de Derrida e com os aportes de Barthes, no campo da crítica literária, e com Foucault, no da crítica do conhecimento. Desde o início, a intervenção de Silviano, canibalizando a desconstrução derridiana, buscava deslocar-se da querela *estruturalismo versus marxismo* que marcou o debate intelectual de sua geração. Esse caminho foi ganhando atualidade e autoridade intelectual enquanto se desenvolvia teórica e institucionalmente o campo dos estudos latino-americanos em escala continental e internacional, em paralelo com os debates sobre pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo e por fim com o recorte dos estudos culturais.

Tal recorte redefiniu o sentido e o valor da herança estética da crítica literária, situando-a num novo e plural campo de conhecimento, voltado para problemas e objetos definidos multidisciplinarmente, atravessados pelas guerras de poder não só na esfera da práxis discursiva e narrativas sociais mas também no nível da organização e distribuição dos saberes. As conexões entre saber e poder tornaram-se decisivas como condição de produção e circulação do conhecimento em humanidades, assim como a consciência situacional do estudioso e intérprete. Um saber situado e empenhado é portanto o que define o modo de produção intelectual na contemporaneidade. As marcas dessa condição se fazem presentes

tanto na escrita ensaística quanto na escrita criativa de Silviano Santiago. Na prosa de ficção, a dimensão situada é dada pela incidência do discurso autobiográfico em boa parte de seus contos e romances. No ensaísmo, o empenho é visível pela relação estreita entre avaliação da cena cultural e conjuntura histórica.

Cada etapa na evolução do *labor* ensaístico de Silviano é um posicionar-se frente aos grandes debates e dilemas que marcaram as humanidades nas últimas décadas. Como professor, Silviano envolveu-se em todos eles e estimulou, muito pelo exemplo, que assim também o fizesse o sem-número de jovens pesquisadores que o procuravam para orientação, e ainda o procuram. A senha é: praticar um saber fundamentado e metodologicamente rigoroso, mas antenado com os aqui-e-agoras da guerra dos discursos.

A presente antologia pretende evidenciar o essencial das etapas pelas quais passou a trajetória crítica de Silviano, adotando basicamente (embora não em caráter exclusivo) o princípio da ordenação cronológica na sequência dos ensaios escolhidos em cada seção. Grosso modo, é mesmo por décadas que as etapas do percurso intelectual de Silviano podem ser descritas e avaliadas no seu passo a passo. Há o Silviano dos anos 70, o Silviano dos anos 80, o dos anos 90, e ele prossegue século XXI adentro vivenciando as mutações trazidas por sua incansável curiosidade.

Mas essas mutações não alteraram alguns núcleos fixos, tanto conceituais como de procedimentos, que balizam a abordagem das novas questões e objetos que atraem sua atenção. O modo como o discurso do saber (da interpretação) se organiza no ensaísmo de Silviano é homólogo à condição tentacular, rizomática, da organização do saber na contemporaneidade. O saber teórico se dissemina hoje na forma hiperlinkada de léxicos, vocabulários, glossários. Os núcleos fixos ou balizas de Silviano são como vigas mestras que disciplinam e domesticam a voracidade temática do autor. São como estacas que demarcam territórios discursivos. São ideias mestras, fios de Ariadne. São também *faróis* apontando trilhas de sentido abertas à suplementação do leitor. A metáfora do farol é usada por Silviano Santiago para indicar que a relação entre o texto literário e a realidade social e histórica é de *iluminação* e não de reflexo.

Essas ideias mestras que percorrem a ensaística de Silviano são na verdade suas obsessões intelectuais. A maior delas é a relação geopolítica entre as culturas

e os discursos. Nos ensaios “O entrelugar do discurso latino-americano” e “Apesar de dependente, universal”, que abrem o presente volume, Silviano lança mão da sugestão modernista, na vertente antropofágica. Munido do farol que é o olhar do indígena, entre selvagem e colonizado, busca provocar um deslocamento ou choque especulativo nas visões clássicas da dependência cultural no âmbito literário, a do Machado de Assis de “Instinto de nacionalidade” e a já referida de Antonio Candido na *Formação*. Faz isso em sintonia com a teoria da dependência nas ciências sociais que Theotônio dos Santos, Fernando Henrique Cardoso sociólogo, Gunder Frank, entre outros, lançavam nos anos 60-70.

Em diferentes versões autorais, a teoria da dependência tematizava, de um lado, a relação entre o subdesenvolvimento da América Latina e do Terceiro Mundo em geral e, de outro, o desenvolvimento do capitalismo central (Europa, EUA e Japão). O contexto de época desses vocabulários são as lutas pela descolonização da África e o discurso anti-imperialista da esquerda mundial. No debate das letras, o tema da dependência converte-se na problematização da relação entre as literaturas do mundo subdesenvolvido (ou periférico) e o cânone ocidental eurocentrado. A crítica de Silviano erige como princípio a valorização e análise da descontinuidade e da diferença em relação ao cânone.

O viés etnológico apropriado da antropofagia oswaldiana, expandido por leituras francesas (Montaigne, Lévi-Strauss, Pierre Clastres), faz ainda incidir sobre aquele princípio a crítica à noção de pureza original. Tudo já nasceu junto e misturado no território Brasil. O cânone europeu não deve ser visto em analogia à ideia de uma origem pura. Parafraseando o poeta Carlos Drummond de Andrade, são as “impurezas do branco” que interessam ao intelectual da periferia. No campo propriamente científico da disciplina literária, tal gesto provocador e provocado (no sentido de que produz artefatos para pensar) tem por meta uma crítica liberada da tradição filológica — por ser esta voltada para a reconstituição da continuidade entre objeto literário e cânone europeu, objeto literário e língua padronizada da metrópole. São assim rechaçados os estudos das fontes como origem e da influência como linha de transmissão do já dado. Na ensaística de Silviano Santiago, a *leitura* é ato de apropriação seletiva e empenhada de partes da tradição. A partir daí se desenha toda uma pedagogia, que permanece nas principais pós-graduações universitárias do país.

Com os anos 90, impõe-se aos termos do debate um radical deslocamento, puxado pelos tapetes mágicos da globalização, do fim do comunismo e da situação pós-colonial. Se antes o deslocamento era estratégia intelectual, agora é o real histórico que se movimenta e leva o pensamento político-cultural (na verdade geopolítico-cultural) de Silviano a se encaminhar para os temas do cosmopolitismo, das margens, das fronteiras e dos limites sociais e discursivos.

O periférico como conceito forte nas humanidades deixa de estar vinculado exclusivamente ao problema da nação e passa a dizer respeito a grupos sociais minoritários, em escala micro (local) e macro (global). A democracia é reconhecimento e afirmação de minorias. As relações entre centro e periferia passam a ser vistas de maneira cambiante e horizontalizada, nas relações assimétricas e conflitivas entre o global, o local e o transversal. Se nos anos 70-80 o discurso contra-hegemônico exige o questionamento da relação vertical ou centrípeta entre centro e periferia, desde o final do século passado ele se articula horizontalmente entre periferias. A verdade do centro se desvela na margem, como Silviano desenvolve em *Genealogia da ferocidade* (2017), seu mais recente ensaio de livro inteiro.

No intervalo de tempo que leva dos dois primeiros ensaios da seção “Geopolíticas da cultura” aos dois seguintes, Silviano como que põe entre parênteses o tipo de interpretação histórica revista pela etnologia que fundamenta seu projeto de deslocamento desconstrutivo, e se aproxima de uma sociologia da política cotidiana. Aí se ancora o sentido da expressão “cosmopolitismo do pobre”. Aqui a viga é ainda a geopolítica como terreno de reflexão crítica e prática criativa. Cabe lembrar que, tanto no ensaísmo de Silviano quanto no portentoso relato biográfico em prosa ficcional *Viagem ao México* (1995), a geopolítica é marcada pelo trauma dos deslocamentos transoceânicos, cujo modelo é a colonização do continente americano. No lugar da utopia, o trauma.

O reencontro com a história vai ocorrer no encontro com a obra de Adriana Varejão, tal como ela a pratica e ele a lê, no ensaio intitulado “Para uma poética da encenação”. Agora, como antes, a história do trauma da colonização se dá fraturada pelo olhar etnológico e estético e pela apresentação por justaposição alegórica. Vemos que, no novo milênio, o ensaísta Silviano estende seu foco e as vigas de seu modo de ler às artes visuais, das artes plásticas ao cinema, assim como a autores clássicos estrangeiros. Biograficamente, ao entregar-se ao prazer da leitura do visual, Silviano reata sua persona de crítico com seus primórdios de jovem crítico de cinema na Belo Horizonte dos anos 50.

Algumas das balizas conceituais e metodológicas que atravessam e estruturaram toda a obra ensaística de Silviano se encontram *in nuce* no ensaio “O entrelugar do discurso latino-americano”, que pode ser considerado o ato inaugural da presença de Silviano na cena intelectual brasileira. Sua certidão de batismo. Escrito em 1971 em francês, foi publicado pela primeira vez em português no livro *Uma literatura nos trópicos* (1978).

Não é que Silviano tivesse começado a publicar apenas em 1971, ou que a originalidade (hoje sabemos precursora) de suas percepções ainda não tivesse se manifestado. Ao contrário, como professor nos Estados Unidos durante a década de 60, depois de doutorar-se na França com uma tese sobre André Gide, ele já vinha publicando em periódicos acadêmicos estudos marcadamente originais sobre clássicos da literatura brasileira que ombreavam-se à melhor fortuna crítica então existente e a impactavam. Vejam-se neste volume “Alegoria e palavra em *Iracema*” e “Camões e Drummond: A máquina do mundo”. Também o texto sobre a carta de Caminha (“Destinos de uma carta”), que, apesar de publicado no ano 2000, remonta aos estudos extensos que dedicou à literatura colonial brasileira em seus primeiros tempos como professor e pesquisador. O ancestral desse texto de 2000 (intitulado “A palavra de Deus”) fora lançado na histórica revista *Barroco* no mesmo ano em que saía a primeira versão em francês de “O entrelugar do discurso latino-americano”.

Por obra do destino e/ou da vontade, não foi como intelectual expatriado que Silviano construiu sua biografia, em que pesem o cosmopolitismo multilíngue de sua fase inicial como professor latino na América do Norte, as múltiplas viagens que fez e cursos dados como convidado no exterior ao longo de toda a sua vida. Em 1974, Silviano deixa a carreira nos EUA e volta para o Brasil em definitivo. É momento de crescente agitação cultural, na sequência imediata dos tempos de contracultura, com a qual ele tivera contato em Nova York pelo convívio com Hélio Oiticica. São ainda os anos de chumbo, mas já na efervescência da ambígua “distensão” democrática da “abertura” patrocinada pelo presidente-general Geisel.

Momento em que cresce e reaparece uma oposição cultural, articulada à crescente mobilização da sociedade civil, da ciência, da universidade e da imprensa chamada alternativa. Pipocam no cenário a poesia marginal e o boom literário

na prosa, este ecoando o boom literário hispano-americano que vinha ocorrendo desde os anos 60 em escala global. Nos anos que antecedem e nos que se seguem à publicação de *Uma literatura nos trópicos*, Silviano é protagonista atento à cena mais jovem, atuando nas duas trincheiras principais: o âmbito acadêmico, como professor da PUC-Rio, e o âmbito extra-acadêmico da imprensa, tanto a grande quanto a alternativa. É um período em que os congressos e conclaves de professores, assim como as reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), são importantes eventos de resistência contra a ditadura.

Passados quarenta anos da publicação de *Uma literatura nos trópicos*, seu conceito-imagem de referência, o entrelugar, mantém atualidade. Com efeito, Silviano Santiago é um daqueles raros e afortunados pensadores que cunharam uma palavra incorporada ao uso corrente no discurso político. Junto com “lugar de fala”, o termo tem funcionado, entre os jovens interessados por ativismo social, como uma espécie de senha, garantindo comunicabilidade imediata às reivindicações de identidade e desidentidade em meio às guerras culturais contemporâneas. O termo garante voz a quem ocupa um lugar de fala não identificado a binarismos ou formas hierarquizantes de discurso/prática.

Entre o rigor acadêmico e o uso como ferramenta de intervenção, entre o saber disciplinar, metodologicamente controlado, e o universo extra-acadêmico das práticas culturais e artísticas, a dupla face da noção de entrelugar era expressa pela própria estrutura da obra. Havia uma primeira parte em que a noção era apresentada no ensaio de abertura, seguida de ensaios sobre obras clássicas da literatura brasileira e portuguesa em que se empregava a metodologia de leitura ligada a entrelugar, desenvolvida em análises específicas, com destaque para os ensaios sobre *Dom Casmurro* e sobre *Eça de Queirós*.

E havia a segunda parte de *Uma literatura nos trópicos*, composta de artigos de crítica escritos no calor da hora: a contracultura enquanto cultura jovem e emergência de algo novo no panorama dos 70, a figura de Caetano Veloso como poeta da performance e arauto de uma irrupção positiva do entretenimento no cenário da criação, a poesia marginal, a presença de Chico Buarque, o segundo e excelente livro de Sérgio Sant’Anna (*Notas de Manfredo Rangel, repórter*), um dos mais promissores e representativos contistas do boom. Para a geração de alunos de Silviano Santiago na PUC-Rio dos anos 70, entre os quais me encontro, o mais

fascinante na sua persona de professor, que se desdobrava na de ensaísta e viria a desdobrar-se com muita força na de ficcionista, era, talvez, justamente o fato de termos ali uma disciplina crítica muito colada ao que estava acontecendo no mundo, fora da bolha e da torre de marfim, era o movimento literário cruzando os muros da universidade.

A seção “Crítica do presente” pretende recuperar esse clima de época. Da segunda parte de *Uma literatura nos trópicos*, foram selecionados dois ensaios que nos devolvem o ambiente literário dos anos 70. Em “Os abutres” é a literatura contracultural de Gramiro de Matos e Waly Salomão sendo levada a sério como objeto de análise. Já “O assassinato de Mallarmé”, de 1975, faz uma pioneira apreciação acadêmica dos pressupostos estéticos e programáticos da poesia marginal, às vésperas de sua consagração no circuito literário com a publicação, em 1976, da coletânea *26 poetas hoje*, de Heloisa Buarque de Hollanda. Com a antologia de Heloisa, o ensaio de Silviano e também uma histórica entrevista dos poetas que eram chamados “de mimeógrafo” na revista *José*, toda uma geração emergente via seu empenho de vida acolhido pela república dos professores de então.

Na mesma linha podem ser lidos dois outros ensaios incluídos na seção, sobre o poeta negro mineiro Adão Ventura (“A cor da pele”) e sobre a poeta afinal icônica daquele momento, Ana Cristina Cesar (“Singular e anônimo”). Foram incluídas ainda duas significativas apreciações panorâmicas da transição histórica que marcou o fim da ditadura, a primeira delas apresentada ao imenso e engajado público da reunião da SBPC de 1977 (“Repressão e censura”), e a outra abordando o significado da redemocratização dos anos 80, capturada em seu início. Cabe realçar que, nessa faceta de crítica do presente, o ensaísmo de Silviano se conecta à sua produção em colunas de jornal e nas muitas entrevistas que deu. São textos mais curtos ou marginais, mas compõem com o mesmo nível de qualidade o caleidoscópio ciclópico de seu contínuo “pensar o escrito”, devidamente formado (e nisso Silviano foi autodidata) na pedagogia do estruturalismo e da desconstrução. Quem conhece a pessoa Silviano sabe do empenho e paixão que ele imprime a seus textos jornalísticos, assim como a suas entrevistas.

O ensaísmo canônico de Silviano Santiago existe em contiguidade com essa vertente “menor” de sua crítica e também com a já referida vertente dos ensaios que são livros inteiros. E como não mencionar a contiguidade — e aqui temos uma contiguidade *suplementar* — entre a obra ensaística e a ficcional? Como se sabe, o elemento ensaístico é componente fundamental da obra ficcio-

nal de Silviano, incluindo a poesia. Isso se dá na exploração das formas pós-modernas da superposição, do pastiche, do cruzamento e hibridismo de gêneros, de que Silviano foi precursor e praticante. Cada título em sua obra ficcional é uma experimentação nesse gênero além dos gêneros, nesse transgênero, seara aventureira da travessia de fronteiras entre ideia e imaginação. No romance *Stella Manhattan*, de 1985, transgênero é tema, é personagem, é trama geopoliticamente recortada.

Na ficção suplementar de Silviano Santiago, tão importantes quanto o elemento ensaístico são as componentes autobiográfica e biográfica. *Viagem ao México* é baseado na biografia de Antonin Artaud, bem antes dele o belo e seminal *Em liberdade* fora calcado em diário fictício de Graciliano Ramos. Ou será suplementar o ensaio, em relação à ficção? Recentemente, tivemos o impressionante *Machado*, misto de biografia-romance-história-crítica literária e artística. Este se segue a *Mil rosas roubadas* (2014), autoficção. O elemento autobiográfico atravessa as narrativas no mínimo na forma da notação situacional: indicação precisa da presença do escritor em carne e osso, no computador. É o impulso de presentificação e imediaticidade, tão forte na percepção da historicidade em seu ensaísmo. Não sabemos ainda aonde pode levar a experimentação escritural de Silviano Santiago, mas a partir de *Machado* vemos que seu ato de escrita se realiza como gesto de síntese da multiplicidade de dados e formas. Entre a prestidigitação e a bruxaria, não fosse *Machado* o Bruxo do Cosme Velho.

Difícil fazer justiça ao Silviano crítico e estudioso especificamente de literatura brasileira numa antologia cuja meta é apresentar o perfil diversificado de toda uma trajetória de pensamento. O recorte terá que ser drástico, quase que um aperitivo, embora substancial como refeição completa. Da prolífica produção na área, a seleção aqui pautou-se pelo critério do que parecia mais significativo no quadro do projeto da antologia. Não necessariamente “o melhor”, até porque tudo que Silviano escreveu sobre literatura brasileira é “do melhor”. Em tudo que Silviano escreve sobre literatura, há o grão da ideia original, a agudeza da provocação pertinente.

O leitor e a leitora, porém, haverão de notar que o recorte aqui adotado privilegiou a bibliografia sobre modernismo, dedicando-lhe uma seção inteira. Por que foi dado a esta o título de “O livro sobre modernismo” se Silviano nunca

escreveu um livro inteiro sobre o assunto? E, no entanto, é lícito afirmar que ele, em sua geração de professores e pesquisadores de literatura, avulta entre os mais importantes estudiosos do modernismo brasileiro. *Primus inter pares*. Reunido, o conjunto de seus escritos sobre o tema certamente produziria uma grande obra única. Sem ter jamais existido, o “livro” escrito por Silviano é incontornável como referência magna de nossa história literária. É bibliografia básica.

Como se sabe, assentam-se sobre o modernismo valores fundacionais do Estado brasileiro, assim como a partir dele consolida-se a língua literária brasileira padrão no século xx. Depois de sua progressiva apropriação pelas instituições do Estado entre os anos 30-40 e em paralelo com a sua revivificação pelas vanguardas dos anos 50-60, o modernismo tornou-se objeto de monumental erudição na universidade brasileira. São dignas de nota em São Paulo a ação docente de Antonio Candido e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Elas dão régua e compasso para situar a ação do próprio Silviano Santiago. Esta exerceu impacto análogo, tendo por raio de ação basicamente as universidades do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Tanto Candido, desde os anos 60, quanto Silviano, nos anos 70-80, formaram legiões de pesquisadores que aguçaram a visão crítica das obras e desenvolveram pesquisas arquivísticas da maior pertinência, relevância e excelência. A diversidade de perspectivas institucionais formativas apenas enriquece a vida intelectual brasileira.

O olhar de Silviano sobre o modernismo é função de um gesto de radical historicização, em contraste com gestos de continuidade ou retomada. Aprofundar a compreensão do conceito significa para Silviano reconhecer o esgotamento de seu paradigma. É por esse motivo que, junto com a erudição sobre modernismo, vem o interesse programático pela pós-modernidade e pelo pós-moderno. (Silviano sempre optou pelo termo “pós-moderno”, à la Lyotard, em detrimento do “pós-modernismo” de Fredric Jameson — vide, nesta antologia, o ensaio “O narrador pós-moderno”, exemplar como um de seus “artefatos para pensar”.)

Armado do olhar metacrítico, Silviano empreende um deslocamento interpretativo e um redirecionamento da pesquisa, alternativa à leitura concretista do modernismo como vanguarda e capaz de produzir brechas e introduzir novas questões em relação às bem consolidadas leituras uspianas. Com o tempo, as pesquisas e reflexões de Silviano cada vez mais se entrelaçam ao interesse pela *vida literária*. O modernismo como capítulo de vida literária. E o trabalho passa a ter duas faces, a da leitura textual minuciosa e a da pesquisa histórica e docu-

mental, usando diários, cartas, autobiografias, memórias, biografias e, last but not least, uma ou outra pérola desencavada da quinquilharia das miscelâneas e crônicas esquecidas de época, inclusive testemunhos orais.

A longa história de dedicação de Silviano ao modernismo literário começa nos primórdios de sua carreira e tem um farol: repetidas leituras e releituras da obra de Carlos Drummond de Andrade, o poeta cuja vida/obra (ou “grafia de vida”, para usar uma expressão de Silviano) é a síntese e provavelmente a realização mais alta do programa literário modernista em todas as suas fases. Ao encerrar a fase antropofágica do entrelugar, com a publicação de *Uma literatura nos trópicos* em 1978, já nos cursos na PUC-Rio na segunda metade dos anos 70, Silviano lança a linha de pesquisa sobre o papel do memorialismo nas obras dos maiores autores modernistas. Através do estudo do memorialismo poderá ter acesso a dados sobre a vida literária da época, capazes de promover revisões críticas. Desse projeto, se desenvolve em link paralelo e associado a reflexão teórica sobre a relação entre autobiografia e literatura.

Tudo isso trará importantes rendimentos teóricos e ficcionais nos anos que se seguem, a começar pelo romance *Em liberdade*, de 1981. De 1976 é o estudo sobre *Carlos Drummond de Andrade*, da Editora Vozes. Nesse pequeno grande livro-ensaio, a rememoração da infância, elemento fundamental na topografia do memorialismo modernista, trazido à tona na época pelos Boitempos do poeta, era analisada por Silviano por meio da sofisticada metodologia proposta nos ensaios literários de *Uma literatura nos trópicos*. Uma leitura de puxar fios textuais, desrecalcando forças insuspeitadas.

No projeto de *Em liberdade*, girando em torno de Graciliano Ramos, outro autor-fetice para Silviano, os fios são retomados e retramados. Do memorialismo estudado em diversos autores ao diário ficcional de Graciliano, o que temos são exercícios e experimentações em torno das escritas de si. Escritas de si marcadas pelo crivo da presentificação. No *Em liberdade*, o memorialismo modernista é confrontado com o memorialismo dos antigos guerrilheiros da luta contra a ditadura, que voltavam ao Brasil depois da anistia, no momento em que o livro é redigido. Em 1985, Silviano publica o decisivo ensaio “A permanência do discurso da tradição no modernismo”, na origem uma palestra seguida de debates. Trata-se de uma guinada na interpretação então dominante sobre o modernismo, deslocando a questão do modernismo como vanguarda para a relação entre o modernismo e a história.

Mas, ao longo dos anos 80, o mais marcante na pesquisa e docência sobre modernismo é o mergulho na correspondência publicada de seus principais autores, particularmente Mário de Andrade. Um incontornável aprendizado sobre como dar vida à inércia muda dos arquivos e acervos literários e transformá-la em história. Com base nesse trabalho, Silviano desenvolve uma reflexão sobre escrita biográfica que será posta em prática notadamente nos romances já mencionados aqui — *Viagem ao México* e *Machado*. Toda essa nova erudição sobre modernismo, desenvolvida por ele e estimulada em outros para que se debruçem no riquíssimo material das cartas, redonda num dos mais impressionantes monumentos da crítica literária contemporânea: a publicação em 2002 da correspondência completa entre Drummond e Mário de Andrade (*Carlos & Mário*), por ele organizada e anotada. As notas ao volume constituem, em si, um magnífico romance da vida literária na época modernista.

O que resta hoje como fundamento exclusivo, filosófico ou existencial, para a arte da escrita, ou da escrita como arte, a não ser a biografia, a autobiografia, o memorialismo? Toda biografia contém em si elementos da autobiografia do autor. No entanto, uma teoria geral das biografias é impossível. Toda literatura é grafia de vida. Nesse sentido, biografia e romance são dois aspectos de um mesmo impulso. Cada biografia, seja ela factual ou ficcional, erige no próprio texto sua teoria. Na verdade, sua própria alquimia. A teoria não no estado de doutrina, mas no estado de síntese pontual. O universo dos estímulos e informações no ponto de agulha do texto e suas dramatizações. Abordando autores como a Virginia Woolf de *Orlando* ou o Machado de Assis personagem em seus últimos dias, os trabalhos mais recentes de Silviano Santiago, no ensaio e na ficção, indagam sobre o lugar da vida na escrita literária. Na verdade, afirmam a literatura como força de vida. Eis aí a potência que se pode extrair dos escritos aqui reunidos.

Rio de Janeiro, novembro de 2018

GEOPOLÍTICAS DA CULTURA

O entrelugar do discurso latino-americano

Para Eugenio e Sally

O jabuti que só possuía uma casca branca e mole deixou-se morder pela onça que o atacava.

Morder tão fundo que a onça ficou pregada no jabuti e acabou por morrer.

Do crânio da onça o jabuti fez seu escudo.

Antonio Callado, *Quarup*

Antes de mais nada, tarefas negativas. É preciso se libertar de todo um jogo de noções que estão ligadas ao postulado de continuidade. [...] Como a noção de influência, que dá um suporte — antes mágico que substancial — aos fatos de transmissão e de comunicação.

Michel Foucault, *A arqueologia do saber*

Montaigne abre o capítulo xxxi dos *Ensaíos*, capítulo em que nos fala dos canibais do Novo Mundo, com uma referência precisa à história grega. Essa mesma referência servirá também para nos inscrever no contexto das discussões sobre o lugar que ocupa hoje o discurso literário latino-americano no confronto com o europeu. Escreve Montaigne:

Quando o rei Pirro entrou na Itália, logo depois de ter examinado a formação do exército que os romanos lhe mandavam ao encontro, disse: “Não sei que bárbaros são estes (pois os gregos assim denominavam todas as nações estrangeiras), mas a disposição deste exército que vejo não é, de modo algum, bárbara”.

A citação histórica em Montaigne, metafórica sem dúvida na medida em que anuncia a organização interna do capítulo sobre os antropófagos da América do Sul, ou mais precisamente do Brasil — a metáfora em Montaigne guarda em essência a marca do conflito eterno entre o civilizado e o bárbaro, entre o colonialista e o colonizado, entre Grécia e Roma, entre Roma e suas províncias, entre a Europa e o Novo Mundo etc. Por outro lado, as palavras do rei Pirro, ditadas por certa sabedoria pragmática, não chegam a esconder a surpresa e o deslumbramento diante de uma descoberta extraordinária: os bárbaros não se comportam como tais — conclui ele.

Na hora do combate, instante decisivo e revelador, no momento em que as duas forças contrárias e inimigas devem se perfilar uma diante da outra, arrancadas brutalmente de sua condição de desequilíbrio econômico, corporificadas sob a forma de presente e guerra, o rei Pirro descobre que os gregos subestimavam a arte militar dos estrangeiros, dos bárbaros, dos romanos. O desequilíbrio instaurado pelos soldados gregos, anterior ao conflito armado e entre os superiores causa de orgulho e presunção, é antes de mais nada propiciado pela defasagem econômica que governa as relações entre as duas nações. No momento exato em que se abandona o domínio restrito do colonialismo econômico, compreendemos que muitas vezes é necessário inverter os valores que definem os grupos em oposição e, talvez, questionar o próprio conceito de superioridade.

Segundo a citação extraída dos *Ensaio*s, ali onde se esperava uma *disposição do exército* delineada conforme os preconceitos sobre os romanos espalhados entre os gregos encontra-se uma armada bem organizada e que nada fica a dever às dos povos civilizados. Libertamo-nos de um arrancão do campo da quantidade e do colonialismo, visto que a admiração do rei Pirro revela um compromisso inabalável com o julgamento de qualidade que ela inaugura. Apesar das diferenças econômicas e sociais, os dois exércitos se apresentam em equilíbrio no campo de batalha. Mesmo que não se apresentassem em equilíbrio, nunca é demais lembrar as circunstâncias inusitadas que cercam a morte do monarca grego a que se refere Montaigne. O acidente inesperado e fatal guarda, por sua atualidade,

um aviso seguro para as poderosas nações militares de hoje: Pirro, rei de Éfeso, “foi assassinado na tomada de Argos por uma velha senhora que lhe atirou uma telha na cabeça do alto de um telhado” — como nos informa deliciosamente o *Petit Larousse*.

Vamos falar do espaço em que se articula hoje a admiração do rei Pirro e de um provável processo de inversão de valores.

I.

Mas antes é preciso estabelecer certo número de distinções, de modo que se possa ao mesmo tempo limitar e precisar o nosso tópico. Analisemos, primeiro, por razões de ordem didática, as relações entre duas civilizações que são completamente estranhas uma à outra e cujos primeiros encontros se situam no nível da ignorância mútua. Desde o século XIX, os etnólogos,¹ no desejo de desmistificar o discurso beneplácito dos historiadores, concordam em assinalar que a vitória do branco no Novo Mundo se deve menos a razões de caráter cultural do que ao uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia, como atestaria a recorrência das palavras “escravo” e “animal” nos escritos dos portugueses e espanhóis. Essas expressões, aplicadas aos não ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer.

Nesse sentido, Claude Lévi-Strauss nos fala de uma enquete de ordem psicossociológica empreendida pelos monges da Ordem de São Jerônimo. À pergunta sobre serem os índios capazes “de viver por eles próprios, como camponeses de Castela”, a resposta negativa se impunha de imediato:

Na verdade, talvez seus netinhos possam; além do mais, os indígenas estão de tal modo entregues ao vício que ainda se pode duvidar da sua capacidade; como prova, evitam os espanhóis, recusam-se a trabalhar sem remuneração, mas levam a perversidade até o ponto de presentear com os próprios bens; não admitem repudiar os companheiros que tiveram as orelhas decepadas pelos espanhóis. [...] Seria melhor para os índios que se transformassem em homens escravos do que continuassem a ser animais livres...²

Em visível contraste, os índios de Porto Rico, seguindo ainda as informações prestadas por Lévi-Strauss nos *Tristes trópicos*, se dedicam à captura de brancos com o intuito de os matar por imersão. Em seguida, durante semanas ficam de guarda em torno dos afogados para saber se eles se submetem ou não às leis de putrefação. Lévi-Strauss conclui não sem certa ironia:

[...] os brancos invocavam as ciências sociais, ao passo que os índios mostravam mais confiança nas ciências naturais; enquanto os brancos proclamavam que os índios eram animais, estes limitavam-se a supor que os primeiros fossem deuses. Ignorância por ignorância, a última atitude era, certamente, mais digna de homens.
[p. 83]

A violência é sempre cometida pelos índios por razões de ordem religiosa. Diante dos brancos, que se dizem portadores da palavra de Deus, cada um profeta a sua própria custa, a reação do indígena é a de saber até que ponto as palavras dos europeus traduziam a verdade transparente. Pergunto-me agora se as experiências dos índios de Porto Rico não se justificariam pelo zelo religioso dos missionários. Estes, em sucessivos sermões, pregavam a imortalidade do verdadeiro Deus, da ressurreição de Cristo — os índios, em seguida, tornavam-se sequiosos de contemplar o milagre bíblico, de provar o mistério religioso em todo o seu esplendor de enigma. A prova do poder de Deus deveria se produzir menos pela *assimilação* passiva da palavra cristã do que pela *visão* de um acontecimento verdadeiramente milagroso.

Nesse sentido, encontramos informações preciosas e extraordinárias na carta escrita ao rei de Portugal por Pero Vaz de Caminha. Segundo o testemunho do escrivão-mor, os índios brasileiros estariam *naturalmente* inclinados à conversão religiosa,³ visto que, de longe, *imitavam* os gestos dos cristãos durante o santo sacrifício da missa. A imitação — imitação totalmente epidérmica, reflexo do objeto na superfície do espelho, ritual privado de palavras —, eis o argumento mais convincente que o navegador pôde enviar a seu rei em favor da inocência dos indígenas. Diante dessas figuras vermelhas que macaqueiam os brancos, caberia perguntar se não procuravam chegar ao êxtase espiritual pela duplicação dos gestos. Não acreditariam também que poderiam encontrar o deus dos cristãos no final dos “exercícios espirituais”, assim como os índios de Porto Rico teriam se ajoelhado diante do espanhol afogado que tivesse escapado à putrefação?

Entre os povos indígenas da América Latina a palavra europeia, pronunciada e depressa apagada, perdia-se em sua imaterialidade de voz, e nunca se petrificava em signo escrito, nunca conseguia instituir em *escritura* o nome da divindade cristã. Os índios só queriam aceitar como moeda de comunicação a *representação* dos acontecimentos narrados oralmente, enquanto os conquistadores e missionários insistiam nos benefícios de uma conversão milagrosa, feita pela assimilação passiva da doutrina transmitida oralmente. Instituir o nome de Deus equivale a impor o código linguístico no qual seu nome circula em evidente transparência.

Colocar junto não só a representação religiosa como a língua europeia: tal foi o trabalho a que se dedicaram os jesuítas e os conquistadores a partir da segunda metade do século XVI no Brasil. As representações teatrais, feitas no interior das tabas indígenas, comportam a mise en scène de um episódio do *Flos Sanctorum* e um diálogo escrito metade em português e a outra metade em tupi-guarani, ou, de maneira mais precisa, o texto em português e sua tradução em tupi-guarani. Aliás, são numerosas as testemunhas que insistem em assinalar o *realismo* dessas representações teatrais. Um padre jesuíta, Cardim, nos diz que, diante do quadro vivo do martírio de São Sebastião, patrono da cidade do Rio de Janeiro, os espectadores não podiam esconder a emoção e as lágrimas. A doutrina religiosa e a língua europeia contaminam o pensamento selvagem, apresentam no palco o corpo humano perfurado por flechas, corpo em tudo semelhante a outros corpos que, pela causa religiosa, encontravam morte paralela. Pouco a pouco, as representações teatrais propõem uma substituição definitiva e inexorável: de agora em diante, na terra descoberta, o código linguístico e o código religioso se encontram intimamente ligados, graças à intransigência, à astúcia e à força dos brancos. Pela mesma moeda, os índios perdem sua língua e seu sistema do sagrado e recebem em troca o substituto europeu.

Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua. Como dizia recentemente Jacques Derrida: “O signo e o nome da divindade têm o mesmo tempo e o mesmo lugar de nascimento”.⁴ Uma pequena correção se impõe na última parte da frase, o suplemento de um prefixo que visa a atualizar a afirmativa: “[...] o mesmo tempo e o mesmo lugar de renascimento”.

Esse renascimento colonialista — produto reprimido de outra Renascença, a que se realizava concomitantemente na Europa —, à medida que avança, apropria o espaço sociocultural do Novo Mundo e o inscreve, pela conversão, no contexto da civilização ocidental, atribuindo-lhe ainda o estatuto familiar e social do primogênito. A América transforma-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original mas em sua *origem*, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como a única regra válida de civilização. É assim que vemos nascer por todos os lados essas cidades de nome europeu cuja única originalidade é o fato de trazerem antes do nome de origem o adjetivo “novo” ou “nova”: New England, Nueva España, Nova Friburgo, Nouvelle-France etc. À medida que o tempo passa, esse adjetivo pode guardar — e muitas vezes guarda — um significado diferente daquele que lhe empresta o dicionário: o *novo* significa bizarramente fora de moda, como nesta bela frase de Lévi-Strauss: “*Les tropiques sont moins exotiques que démodés*” (p. 96).

O neocolonialismo, a nova máscara que aterroriza os países do Terceiro Mundo em pleno século xx, é o estabelecimento gradual num outro país de valores rejeitados pela metrópole, é a exportação de objetos fora de moda na sociedade neocolonialista, transformada hoje no centro da sociedade de consumo. Hoje, quando a palavra de ordem é dada pelos tecnocratas, o desequilíbrio é científico, pré-fabricado; a inferioridade é controlada pelas mãos que manipulam a generosidade e o poder, o poder e o preconceito. Consultemos de novo Montaigne:

Eles são selvagens, assim como chamamos selvagens os frutos que a natureza, por si só e pelo seu progresso habitual, produziu; quando, na verdade, são os que alteramos por meio de nosso artifício e desviamos da ordem natural que realmente deveríamos chamar selvagens. Nos primeiros são vivas e vigorosas as verdadeiras, mais úteis e naturais virtudes e propriedades, as quais abastardamos nestes outros na medida em que apenas os acomodamos ao deleite do nosso gosto corrompido.

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos *mestiços*, cuja principal característica é o fato de que a noção de *unidade* sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone — uma espécie de infiltração progres-

siva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização. Caminho percorrido ao inverso do percorrido pelos colonos. Estes, no desejo de exterminar a raça indígena, recolhiam nos hospitais as roupas infeccionadas das vítimas de varíola para dependurá-las com outros presentes nos atalhos frequentados pelas tribos. No novo e infatigável movimento de oposição — de mancha racial, de sabotagem dos valores culturais e sociais impostos pelos conquistadores —, uma transformação maior se opera na superfície, mas que afeta definitivamente a correção dos dois sistemas principais que contribuíram para a propagação da cultura ocidental entre nós: o código linguístico e o código religioso. Esses códigos perdem seu estatuto de pureza e pouco a pouco se deixam enriquecer por novas aquisições, por miúdas metamorfoses, por estranhas corrupções, que transformam a integridade do Livro Santo e do Dicionário e da Gramática europeus. O elemento híbrido reina.

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*.⁵ esses dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. Em virtude do fato de que a América Latina não pode mais fechar suas portas à invasão estrangeira, tampouco pode reencontrar sua condição de “paraíso”, de isolamento e de inocência, constata-se com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia — silêncio —, uma cópia muitas vezes fora de moda, por causa desse retrocesso imperceptível no tempo, de que fala Lévi-Strauss. Sua geografia deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência. A passividade reduziria seu papel efetivo ao desaparecimento por analogia. Guardando seu lugar na segunda fila, é no entanto preciso que assinale sua diferença, marque sua presença, uma presença muitas vezes de vanguarda. O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador.

Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra.